

**CARLOS DRUMMOND  
DE ANDRADE**  
VERSIPROSA

CRÔNICA DA VIDA COTIDIANA E DE ALGUMAS MIRAGENS

POSFÁCIO

Leandro Sarmatz

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor  
no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Raul Loureiro  
sobre detalhe de *Sol*, de Oswaldo Goeldi,  
xilogravura sobre papel-arroz, 22,2 × 30 cm.  
Tiragem 5/12. Prêmio Interamericano  
México – 1960. Direitos autorais reservados:  
Projeto Goeldi

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

REVISÃO

Huendel Viana  
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Versiprosa : Crônica da vida cotidiana e de algumas  
miragens / Carlos Drummond de Andrade; posfácio  
Leandro Sarmatz. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das  
Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2964-5

1. Crônicas brasileiras 2. Poesia brasileira 3. Prosa

I. Sarmatz, Leandro. II. Título.

17-05721

CDD-869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas: Literatura brasileira 869.8

2. Poesia: Literatura brasileira 869.1

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

## Sumário

### VERSIPROSA

- 15 Quase elegia
- 20 Outubro
- 22 Correio municipal
- 25 Verão
- 27 Cantiga
- 29 Cançoneta
- 31 Aos santos de junho
- 34 Libertação
- 37 Sete dias
- 39 Relatório
- 41 Balanço de agosto
- 44 Tripé
- 46 Destino: Brasília
- 49 HF
- 51 Conversa informal com o menino
- 54 Ao sol da praia
- 57 Abrilmente
- 59 À deriva
- 62 De ontem, de hoje
- 64 Um, dois, três
- 65 Epístola
- 67 Dominicália
- 69 O busto
- 73 Coisas de maio
- 75 De 7 dias
- 77 Encontro
- 78 Candidatos
- 80 Mosaico
- 82 Parelhas
- 84 Fábula
- 86 Violinha

88	Isto e aquilo
90	Entrevista (exclusiva)
92	Aqui, ali
94	A outra face
96	Guanabara
99	Musa domingueira
101	Reisado do Partido Novo
103	Musa de outubro
105	Lira da apuração
107	Desfile
109	Em cinza e em verde
111	A semana
113	Na semana
115	Os pacifistas
117	Jornal em verso
119	Reportagem matinal
121	Lira pedestre
123	Lira de jornal
125	Do voto ao verso
127	Eclipse
129	Em versiprosa
131	A tartaruga
134	Visões
137	A um viajante
140	Brinquedos
142	O Pico de Itabirito
145	Cruzeiro vai, cruzeiro vem
148	Aqui e ali
149	Crônica de janeiro
152	Lira pedestre
155	A. B. C. Manuelino
158	Velho amor
161	Apelo
164	Na semana
166	Aos atletas
169	Estória de João-Joana
175	Na semana

177 A Paulo de Tarso

180 Míni-míni

VERSIPROSA II

187 Alta cirurgia

189 Comendo chapéu

191 Recado

193 Canção do fico

196 Diabos de Itabira

199 Nova canção (sem Rei) de Tule

202 FMI

205 No festival

208 O novo homem

211 União nacional em três dias

214 Na escada rolante

216 Um chamado João

219 O morto de Mênfis

222 Prece do brasileiro

225 A festa

230 Falta um disco

233 Cariocas

235 Tago-Sako-Kosaka

238 Poeta Emílio

240 Em louvor da miniblusa

243 Figuras de Carlos Leão

244 Atriz

245 Festivais

250 Luar para Alphonsus

253 Com camisa, sem camisa

254 Boato da primavera

256 Versos negros (mas nem tanto)

259 A um senhor de barbas brancas

262 Carrancas do rio São Francisco

263 Três presentes de fim de ano

265 Copa do mundo 70

269	Posfácio
	<i>O homem do tempo,</i>
	LEANDRO SARMATZ
279	Leituras recomendadas
281	Cronologia
287	Créditos das imagens
289	Índice de títulos

VERSIPROSA, palavra não dicionarizada, como tantas outras, acudiu-me para qualificar a matéria deste livro. Nele se reúnem crônicas publicadas no *Correio da Manhã* e em outros jornais do país; umas poucas, no *Mundo Ilustrado*. Crônicas que transferem para o verso comentários e divagações da prosa. Não me animo a chamá-las de poesia. Prosa, a rigor, deixaram de ser. Então, versiprosa.

Quero lembrar que as farpas dirigidas nestes escritos à ação de políticos jamais filtraram paixão ou interesse partidário nem assumiram cunho pessoal. Expressaram a reação de um observador sem compromisso, que há muito se desligou de ilusões políticas, e, geralmente, prefere falar de outras coisas mais gratas entre o céu e a terra.

C. D. A.

## QUASE ELEGIA

No tempo dos afonsinhos  
havia um homem Fiúza.  
Tinha uma cara qualquer  
e a engenharia confusa.

Vivendo só na montanha,  
respirava ares lavados.  
Supunham-lhe mente arguta,  
pensamentos elevados.

Saberia as *buenas-artes*,  
seus planos eram geniais.  
Tiraram-no então da toca,  
levaram-no aos maiorais.

Queremos — clamam as massas —  
esse para presidente.  
Por trás daqueles bigodes  
uma alma palpita e sente.

Fiúza baixou da serra  
qual novo homem do destino.  
Sucedem que aqui embaixo  
as coisas piam mais fino.

Enquanto ele oferta às massas  
o seu sorriso contente,  
eis que surge na surdina  
Lacerda, e ferra-lhe o dente.



Corre o pobre à sua furna  
e muitos anos passaram.  
Tal como os dias e as noites,  
as águas surdas rolaram.

Não rolam mais hoje em dia  
e os cristãos morrem de sede.  
Pois vamos (diz o Velhinho)  
tirar Fiúza da rede.

Que venha sem mais tardança  
a esta terra comburida.  
E aqui, como um taumaturgo,  
faça reflorir a vida.

Seria o Velho ou o Capeta  
a voz que assim lhe falava?  
Se a tentação nos visita,  
a razão torna-se escrava.

Descer o alcantil é doce  
depois de tanto jejum.  
Se der certo, muito bem;  
se não, o risco é nenhum.

Chega Fiúza à planície  
e vê as casas sem água.  
Vê as escolas fechadas  
e a moça sem sua anágua,

pois não a pode lavar,  
e o jeito é vestir biquíni.  
E na soalheira a cigarra,  
irônica, tanto mais zine.

Viu os doentes sem banho  
e os curumins sem asseio.  
E tudo era triste e sujo,  
e o belo tornou-se feio.

Isso para mim é sopa,  
diz o sábio a seu bigode.  
Quero dinheiro graúdo,  
comigo a seca não pode.

Deram-lhe toda a pecúnia,  
ele tirou o casaco.  
Pegou de uma escavadeira,  
começa a abrir um buraco.

Lá bem no centro da terra  
tem água que é um desperdício.  
Dentro, se tanto, de um mês,  
quem não se banha é por vício.

Um mês passou-se e outro mês,  
sem a menor esperança.  
Água é a que corre dos olhos,  
numa fluência bem mansa.

Abre-se um poço e outro poço,  
a terra inteira se empoça;  
mas a bica no ora-veja,  
e a multidão geme: “Nossa!”

Sobre a garganta abissal  
dos poços, quem se debruça  
enxerga o lodo, o calcário,  
ou talvez a mula ruça.

Mas água? Na Paulo Afonso,  
no Niágara talvez.  
(Ou mineral, na garrafa,  
como um ovo para endez.)

As procissões *ad petendam*  
comovem Nosso Senhor.  
E só assim se tem água,  
por obra do seu Amor.

Então, nas altas esferas  
se perde a santa paciência.  
Fiúza, que fim levou  
a tua hidráulica ciência?

E chamando Edgard, conferem-lhe  
(a história já chega ao fim)  
plenos poderes: até  
sobre o caudilho Delfim.

Do pensamento às palavras,  
ou desta ao mundo das obras,  
uma verdade indiscreta  
surge: são tudo manobras.

Volta Fiúza a seu serro,  
lá vai sem deixar saudade.  
E fica Edgard, nesta história  
sem a menor novidade.

Um dia desses o sábio  
ressurge, pleno de luz.  
(Diz Comte que o homem se agita,  
mas a tolice o conduz.)

Edgard que se previna  
para levar marretada:  
em vez de nova adutora,  
que faz o Governo? Nada.

18/02/1954

## OUTUBRO

Outubro eleitoral, que desabrochas  
da vaga primavera de setembro,  
misturando biquínis e galochas,  
ardor a frio, e coisas que relembro;

outubro já verão na areia clara  
de praias leblonianas, espera  
um silfo, uma sereia, forma rara  
a desfazer-se em rosa na atmosfera;

outubro a despertar em rebeldia  
(ó meu passado!) e tropas se alinhando  
no caminho do Túnel: quem diria  
que a liberdade é um não sei quê nem quando?

Outubro que em tu mesmo te pintavas  
para fazer do sangue o selo rubro,  
penhor de novos tempos, fúrias, lavas  
de puro entusiasmo, ingênuo outubro;

eis que de novo trazes no regaço,  
político, um mistério, ó mês estranho.  
Outubro, tem paciência, o tempo é escasso  
à solução de enigma assim tamanho.

À tua brisa, outubro, se renova  
nossa velha esperança malograda  
depois de tanta luta e tanta prova,  
rumo a Juarez e Milton, na alvorada.

Que nos darás, amigo? Um homem puro,  
numa quadra de paz e grandes feitos?  
Ou temos de chorar, de encontro ao muro,  
nossos erros, nos erros dos eleitos?

Voltará o passado, outubro, outubro?  
Voltarão as misérias e os enganos?  
(Como sacerdotisa no delubro,  
a musa explora em vão os teus arcanos.)

Que depende de nós, eu sei. No entanto,  
à cósmica energia de teu bojo,  
o amante e o cidadão se encham de espanto,  
e sob o influxo astral tombam de rojo...

Outubro escorpional, meu aracnídeo  
postado entre Balança e Sagitário:  
Órion persegue Diana? em vão: agride-o  
teu pungente ferrão, de efeito vário.

Outubro americano, porta aberta  
a mundos novos que eram velhos mundos,  
permite-nos chegar à descoberta  
de nós mesmos, nos pegos mais profundos.

Outubro, que afinal não és diverso  
de outro qualquer dos meses da folhinha,  
perdoa a sem-razão deste meu verso,  
que eu te agradeço, outubro, a croniquinha.

02/10/1955